



## **Educa(ção) na contramão da hegemonia** *Educates(action) against of hegemony*

OLIVEIRA, Rebeca Bispo<sup>1</sup>; SOUSA, Jakeline Honória de<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bispo2616@gmail.com. <sup>2</sup>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, jakehonoria@gmail.com

### **Eixo temático: Educação Formal em Agroecologia**

**Resumo:** Este trabalho científico tem como objetivo descrever, destacar e refletir alguns pontos relacionados à construção de dois projetos educacionais voltados a jovens camponeses. Este texto parte da reflexão de nossas vivências como egressas e hoje monitoras/estagiárias relacionadas à Escola Família Agrícola de Correntina e a Escola Família Agrícola Mãe Jovina, de Ruy Barbosa, que assumem a Pedagogia da Alternância como base principal para a formação de jovens. A metodologia que utilizamos para a construção deste texto mescla nossas memórias e vivências das experiências com material bibliográfico. Buscamos destacar a importância e a resistência travada por estas escolas na luta por uma Educação do Campo atrelada a um projeto de educação libertadora. Apontamos também a necessidade de serem enfrentados alguns desafios, como uma melhor reflexão sobre necessidade de reforçar esse projeto incluindo uma perspectiva mais ampla das relações de gêneros, nesses ambientes formativos.

**Palavras-chave:** Escola Família Agrícola; Pedagogia da Alternância; Educação do Campo.

**Keywords:** Agricultural Family School; Pedagogy of Alternation; Rural Education.

### **Introdução**

Ao longo dos anos as escolas vêm desempenhando um papel relevante como um projeto hegemônico e capitalista, legitimando ideais, ou seja, a educação é utilizada como instrumento das elites no intuito de impor ideologias, formas de pensar o mundo, que legitimam o domínio sobre a classe trabalhadora. Por muitos anos e até hoje o sistema educacional se revela de modo seletivo e discriminatório. Para uns é oferecida uma escola bem estruturada, com capacidade crítica e criativa visando formar a classe dirigente. Aos negros (as), camponeses (as), quilombolas, indígenas, pescadores (as) é restringido o direito a uma educação de qualidade, que quando existe visa formar uma classe a serviço da classe dirigente.

A luta por uma Educação no/do Campo vem na perspectiva de construir um projeto de ensino contra hegemônico, crítico, que possibilite aos povos do campo uma educação que ensine a questionar, dialogar e defender sua identidade, a terra tradicionalmente ocupada, o território. Uma educação que não enquadre os educandos (as) a obedecer e servir um sistema opressor.

O ato de educar, cada vez mais, tem se apresentado como um desafio aos educadores (as), já que o papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e da sociedade amplia-se cada vez mais no novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola reflexiva voltada para a formação de



cidadãos, espaço de transformação onde seja permitido a todos o acesso de conhecimento socialmente elaborado e reconhecido como necessário ao exercício da cidadania. Incluir questões de gênero, raça e classe, de forma interseccional na formação de jovens é contribuir com um projeto de educação libertadora (AKOTIRENE, 2018).

Na perspectiva de formar cidadãos que encontrem alternativas para fortalecer os modos de vida no campo é que as Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) vêm prestando um serviço de politização da juventude rural. Na Bahia a primeira EFA começou no município de Brotas de Macaúbas, em 1974, o que incentivou outros municípios a investirem na experiência de uma escola contextualizada a realidade local. A expansão foi grande que levou a necessidade da criação de uma associação Regional que congregasse as Associações locais mantenedoras de EFAs. O nascimento da AECOFABA- Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia, em 04 de setembro de 1979 e mais tarde da REFAISA – Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas ao Semiárido, em 1994, possibilita uma melhor articulação entre diferentes experiências. A articulação destas experiências possibilita uma contínua alimentação do projeto de educação libertária.

A história das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil, embora vivida intensamente, é pouco descrita e refletida. Foram criadas numa época de escuridão política, período que até a palavra conscientização era proibida. Iniciou-se no Espírito Santo, por meio de um trabalho comunitário feito de uma ação pastoral e logo ampliado, envolvendo outras forças sociais. Os trabalhos de base que propiciaram o início desta experiência ocorreram por volta dos anos 65/66, através de ação dinâmica e persistente de um jesuíta, Pe. Humberto Pietrogrande (ZAMBERLAM, 1995).

Como base de ensino as EFAs utilizam da Pedagogia da Alternância com o objetivo de dinamizar e garantir uma formação inclusiva para filhos e filhas de camponeses com senso crítico, autonomia, liberdade para lutar e trabalhar em favor dos direitos das mulheres e homens do campo, tendo em vista que:

[...] a Pedagogia da Alternância é uma pedagogia da complexidade, porque: Ela quer contemplar finalidades ambiciosas; Ela nega os isolamentos, as simplificações e os reducionismos; Ela é uma pedagogia da relação, da interface; Ela tece elos e relações humanas, ela implica uma cooperação, uma parceria; Ela permite viver aprendizagens em continuidade (experienciais e científico-prático e teórico-profissionais e gerais...) (GIMONET, 2007, p.122).

Por isso mesmo, os projetos de Educação construídos pelas EFAs apresentam um viés contra hegemônico, pois não se encontram condicionados aos modelos de educação diretamente construídos e coordenados pelo Estado, ou seja, elaboram o processo de ensino e aprendizagem de forma autônoma e contínua.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo descrever a existência de projetos educacionais oferecido aos filhos e filhas de agricultores (as), revelando



experiências educacionais das Escolas Famílias Agrícolas. Realizando uma reflexão acerca do processo histórico das EFAs com recorte para a Escola Família Agrícola de Correntina e a Escola Família Agrícola Mãe Jovina, de Ruy Barbosa, com as quais nós, as autoras, temos relação mais direta. A intencionalidade do trabalho é contribuir com o fortalecimento do processo educativo construídos pelas EFAs ao longo dos mais de 40 anos.

## **Metodologia**

Para tanto, levamos em consideração as vivências enquanto egressas e colaboradoras de Escola Família Agrícola no Estado da Bahia. A partir de nossas memórias e todos os desafios que enfrentamos na EFA a qual temos vínculo, que compartilhamos nossos aprendizados em torno da Pedagogia da Alternância e como essa construção de saberes influencia nas relações dentro e fora da escola. Nesses espaços temos vivenciado e partilhado diversos momentos, discussões e práticas no âmbito formativo. Assim, os relatos de educandos (as), educadores (as) foram fatores importantes para a escrita, como também o estudo teórico sobre a metodologia de ensino e a trajetória de luta das EFAs.

## **Resultados e Discussão**

É importante destacar que as EFAs no Brasil surgem em um contexto político de grandes conflitos. A Ditadura Militar marcou uma forte repressão às ações dos movimentos populares. É nesse contexto educacional que a bandeira da Educação Popular foi reerguida, e com o surgimento das EFAs se inicia as primeiras experiências de formação em alternância no Brasil. Voltada para os sujeitos camponeses, desde início até o atual momento as EFAs reexistem diante de grandes dificuldades para garantir um currículo baseado na realidade dos educandos (as) e que os mesmos permaneçam no campo com direito a apropriação do conhecimento científico, visando contextualizá-lo às realidades locais.

Num contexto real de opressão e que refletia diretamente na vida das comunidades tradicionais, as Escolas Famílias Agrícolas foram exemplos de resistência e uma proposta de Educação construída na perspectiva de atender a necessidade de construção de conhecimento para e com os povos do campo, considerando, sobretudo, o meio em que estão inseridos. Dentro deste quadro as Escolas Famílias Agrícolas se criam como referências pedagógicas inserida na luta por uma Educação do Campo e ao um projeto de ensino que fortalece o campo como lugar de vida e trabalho, com um currículo que contemple as questões culturais, étnicas, raciais, históricas e sociais do meio em que vivem. Estas escolas são construídas em diálogo com as lideranças comunitárias, com movimentos e organizações sociais, na visão da inclusão e contextualização do saber.

No processo formativo das Escolas Famílias Agrícolas a troca de saberes é elemento necessário. Consideram-se diversos saberes, partindo de variadas



realidades, que dão sentido e cor à educação. Num ambiente de construção e desconstrução de conceitos e visões busca-se fortalecer identidades e modos de vida. Num processo que preza pela autonomia dos sujeitos do campo, as EFAs são constituídas por uma associação local, responsável pelos aspectos jurídicos, econômicos, gerencial e pela realização do Plano de Formação, cujos membros são as famílias dos educandos (as) (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2007).

A Pedagogia da Alternância significou uma ruptura ao modelo de ensino que era imposto aos povos do campo. Pensada para além da formação técnica, mas buscando oferecer aos filhos e filhas de agricultores (as) uma formação política, humana, social e cultural. As práticas de ensino e aprendizagem são realizadas em dois tempos e espaços (tempo escola- tempo comunidade), identificando e valorizando outros espaços educativos além do próprio ambiente escolar.

A alternância representa um instrumento facilitador na aprendizagem e acontece na dinâmica do processo formativo fazendo a ligação entre as experiências vividas pelo sujeito no meio em que está inserido e o conhecimento teórico desenvolvido na escola, defendendo, portanto, uma “forma diferente de construir conhecimentos” (SILVA, 2012, p.81).

É nesse movimento entre diferentes espaços educativos, propiciado pela Pedagogia da Alternância, que a Escola Família Agrícola de Correntina e a Escola Família Agrícola Mãe Jovina constroem processos educativos possibilitam que os educandos (as) produzam conhecimentos de maneira interdisciplinar, orientados por princípios da agroecologia. Além de acender nos (as) educandos (as) o caráter de investigação, pesquisa, convivência, reflexão e intervenção por meio dos trabalhos em suas comunidades. Ou seja, as relações, as interações, o modo de vida, o modo de produção são os pontos de partida para a construção do conhecimento desses sujeitos, partido também da problematização e intervenção diante de sua realidade.

Apesar de a escola ser um dos espaços que nos educamos, é no berço dos movimentos sociais, do trabalho, da família, no cotidiano das lutas que acontecem os processos educativos (ARROYO, 1999). É nesse movimento que se pensa a Educação do Campo nas EFAs. Entretanto, é vital ressaltar que são muitos os desafios a serem vencidos, principalmente se tratando das EFAs a qual temos vínculo.

A EFA é um espaço construído e aberto para reflexão de ideias, em que desenvolve nos jovens a organização coletiva, a autonomia, liderança e a rebeldia (quebra de regras), aprende-se a se posicionarem em diversas situações, seja no âmbito social, político, educacional ou ecológico. Contudo, há contradições que vão além de conflitos pessoais entre professores, entre alunos. Aprender a ser disciplinado é diferente de se submeter a certo autoritarismo. Construir e seguir as regras são alguns dos desafios que causam muitos embates no ambiente das EFAs. Fazer com que jovens cumpram regras é difícil e compreender o objetivo das mesmas, também.



Neste ambiente é preciso aprender cumprir horários, estabelecer diálogos, seguir normas. Porém as normas deviam ter em conta questões como as relações de gênero. Muitas vezes é uma forma de pensar a masculinidade que se impõe e orientam os trabalhos práticos. O controle excessivo sobre os afetos, como um simples abraço, pode ir de encontro à construção de afetividades mais condizentes com um mundo de liberdade. A ausência da discussão sobre a identidade de gênero é um tabu que pode causar sofrimento a muitos jovens que estão tomando consciência de seus corpos. Nossa experiência nos indica que a dificuldade em tratar certos temas é reflexo do berço em que surgem as EFAs, a igreja católica. Dentro de um contexto altamente relacionado às questões religiosas que pregam uma forma de moralismo e aliado a formas de tutela que buscam ter controle dos processos formativos. Essas questões configuram enquanto desafios que precisam ser estrategicamente enfrentados por educadores do campo, sempre pautando a práxis e a educação como princípios para emancipação dos sujeitos.

## **Conclusões**

Na sociedade contemporânea são grandes os embates para construir e manter um projeto de educação contra hegemônico. Edificar processos educativos, tendo a Pedagogia da Alternância como referência, é buscar gerir um sistema de ensino com o povo e para o povo. É reconhecer o direito a educação de qualidade e específica, reafirmando o dever do Estado para com a Educação do Campo pautando políticas públicas educacionais. É compreender que a classe trabalhadora tem direito a lutar e defender o acesso ao conhecimento científico fortalecendo sua identidade, seu território, seu modo de vida. Mesmo tendo evidências que as EFAs representam uma educação de melhor qualidade que a educação convencional destinada aos jovens do campo, nossas vivências nas duas EFAs, aqui citadas, indicam a necessidade de aprimorarmos as experiências em alternância e incluímos algumas pautas, como a relação de gênero, visando uma maior emancipação da diversidade de sujeitos do campo.

## **Referências bibliográficas**

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Marçano. A educação básica e o movimento social do campo; **Por uma educação básica do campo.** Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por uma Educação do Campo nº 2.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFAs.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



OLIVEIRA, Adão Francisco de; NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação na Alternância:** Cidadania e Inclusão Social no meio Rural Brasileiro. Goiânia, Ed da UCG, 2007.

SILVA, Lourdes Helena da. **As Experiências de Formação de Jovens do Campo:** Alternância ou Alternâncias. Curitiba, PR: crv, 2012. 188p.

ZAMBERLAM, Sérgio. **Pedagogia da Alternância.** MEPES, Espírito Santo 1995, 41p.